

## Um olhar sobre o Grego da *Septuaginta*

A look at the Greek of Septuagint

RICARDO DE SOUZA NOGUEIRA\*

**Resumo:** No século III a.C., em Alexandria, Judeus helenizados traduziram o Antigo Testamento para um grego estilizado, dando origem à *Septuaginta* (LXX). Por ser a tentativa de uma tradução literal, a *Septuaginta* apresenta peculiaridades no uso do grego por causa da influência da língua hebraica e por outros fatores, o que fica perceptível quando suas estruturas frasais são comparadas ao grego ático dos séculos V e IV a.C. e mesmo à língua *koiné*, que passou a vigorar no mundo conhecido após as conquistas de Alexandre Magno. O presente estudo tem o objetivo de apontar algumas diferenças, na escrita grega presente na *Septuaginta*, em relação ao grego do período Clássico, com a finalidade de comprovar determinadas características que parecem ir ao encontro de construções de estruturas analíticas, nesse idioma grego estilizado.

**Palavras-chave:** Idioma grego. Septuaginta. Antigo Testamento. Estruturas analíticas.

**Abstract:** In the third century B.C., in Alexandria, Hellenized Jews translated the *Old Testament* into a stylized Greek, giving rise to the Septuagint (LXX). Being an attempt of a literal translation, the *Septuagint* exhibits peculiarities in the use of Greek due to the influence of Hebrew language and other factors, which is noticeable when its phrasal structures are compared to the attic Greek of the fifth and fourth centuries B.C. and even to the *Koine* language, which came into force in the known world after the conquests of Alexander the Great. The present study has the objective of pointing out some differences in the Greek writing contained in the *Septuagint* relative to the Greek of the classical period, aiming to reveal certain characteristics that seem to meet the constructions of analytical structures in this stylized Greek language.

**Keywords:** Greek language. Septuagint. Old Testament. Analytic structures.

---

\* Ricardo de Souza Nogueira é doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professor adjunto de Língua e Literatura Grega do Departamento de Letras Clássicas da UFRJ e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas da UFRJ (PPGLC). E-mail: rsnogueira@terra.com.br

O grego da Antiguidade Clássica, sobretudo o que era utilizado em Atenas nos séculos V e IV a.C., é uma língua predominantemente sintética, ou seja, há, em seu sistema, uma ocorrência substancial de sintagmas lexicais em meio a construção frasal do idioma. Em sua etimologia remota, o adjetivo *sintético*, é proveniente do qualificativo grego *synthetikós*, que *combina, hábil em compor, dispor bem*, sendo que a substantivação no feminino *he synthetiké* significa a *arte da composição*<sup>1</sup>. Tal termo é formado da raiz *-the*<sup>2</sup> do verbo *títhemi, pôr, colocar*, associado ao prefixo preposicional *syn-*, que indica companhia, simultaneidade, união, completando a construção da palavra o sufixo *-ikos*, que forma adjetivos que indicam relação. Desse modo, o termo sintético qualifica aquilo que tem relação com o que é colocado junto, estabelecendo assim a ideia de união entre elementos. No caso de um idioma, salientar que o grego é uma língua predominantemente sintética, pelo menos em suas manifestações mais recorrentes na Antiguidade, significa dizer que ele se apresenta como um sistema linguístico em que segmentos fônicos finais colocados como desinências casuais nas palavras determinam a função sintática dos termos na frase. Assim, o sentido expresso na sintaxe da língua grega depende da declinação das palavras, que possuem terminações específicas que lhes determinam a função. Isso faz com que a ordenação dos termos presente em uma frase grega possa ser muito livre, uma vez que, independentemente da ordem expressa, a palavra traz em si mesma, por sua forma, a sua função no enunciado.

Em comparação ao grego, pode-se dizer que o Português é uma língua predominantemente analítica, ou seja, uma língua que possui uma constância de sintagmas locucionais em seu sistema linguístico. No entanto, mesmo essa afirmação é relativa, e daí a utilização do advérbio de modo *predominantemente*, pois, se em relação ao grego e ao latim, o Português realmente parece ser uma língua analítica, em comparação com outras ele se apresentará como um idioma sintético – o Português, por exemplo, possui um superlativo sintético, formado pelo sufixo *-íssimo*, e outro analítico, formado,

<sup>1</sup> Esse e outros significados apresentados no decorrer do trabalho são extraídos do *Dicionário grego-português* organizado por Malhadas, Dezotti e Neves.

<sup>2</sup> Ocorre apofonia no radical, sendo o *épsilon* no adjetivo o grau normal de vocalismo e o *éta* no verbo o grau normal alongado. No presente estudo, optou-se pela transcrição dos elementos e das palavras gregas para os caracteres latinos, usando-se o sublinhado das vogais para indicar as longas *éta* e *ômega*.

normalmente pelo advérbio *muito*, o que, de certa maneira, evidencia esse equilíbrio. O português é uma língua muito mais sintética do que a chinesa, por exemplo, a língua analítica por excelência, em que até a construção do plural se dá dessa maneira<sup>3</sup>. Como o próprio nome analítico indica, o sentido da frase vai depender de sua análise. Uma língua analítica tem, assim, seu sentido dependente da ordem da frase, do contexto em que é expressa e do uso de certas palavras que servem de acessório para o entendimento da função sintática de outras, como, por exemplo, as preposições, que visam a precisar as funções dos termos presentes. Enquanto no Português a expressão *livro do aluno* necessita do sintagma locucional formado pela preposição *de* na expressão *do aluno* para formar a ideia de posse, o grego, assim como o latim, possui o caso genitivo para formar o sintagma lexical *mathetoû*, no caso do idioma helênico – a expressão inteira seria *biblíon mathetoû* ou *biblíon toû mathetoû*, acrescentando-se o artigo. Quanto à importância da ordem da frase nas línguas analíticas, se alguém diz em português a frase *O guarda matou o ladrão* o receptor do enunciado vai entender perfeitamente que quem faz a ação de matar o ladrão é o guarda, uma vez que esse termo se encontra antes do verbo, o local normalmente pertencente ao agente da ação nas línguas românicas predominantemente analíticas. Assim, se alguém diz *O ladrão matou o guarda*, invertendo a ordem do enunciado, o sujeito da frase passa a ser *o ladrão*, ficando *o guarda* como o objeto sofredor da ação. Por outro lado, um discurso poetizado poderia aceitar inversões, o que faria do contexto o recurso principal para se saber o que se quer significar. De qualquer maneira, essa ordem não possui importância em línguas sintéticas, mesmo que apresentem certas preferências de ordenação, pois as palavras trazem presas em si mesmas as desinências que determinam a função do termo na frase. Dessa maneira, pode-se afirmar que os termos gregos de uma frase poderiam ser completamente embaralhados que continuariam dizendo a mesma ideia, graças às desinências que formam os casos nominativo, acusativo, genitivo e dativo. Como se verá na sequência desse trabalho, esta introdução inicial sobre as diferenças

<sup>3</sup> O plural na Língua Portuguesa é sintético, pois é formado, normalmente, pelo acréscimo de um *-s* à palavra, desinência essa que é proveniente, etimologicamente, do *-s* do acusativo plural do latim. Sendo o último caso a desaparecer, na passagem do latim para as línguas românicas, utilizou-se essa desinência, antes pertencente ao acusativo plural, para formar um plural que não determinaria mais a função de objeto direto na frase.

entre línguas analíticas e sintéticas será importante para o estudo pretendido.

No século III a.C., em Alexandria, Judeus helenizados traduziram o Antigo Testamento hebraico para o grego, dando origem à *Septuaginta*. Conybeare e Stock afirmam, categoricamente, que a *Septuaginta* é uma obra que possui vocabulário grego, mas sintaxe hebraica (2011, p. 45). Já se deixa aqui de antemão registrado que o autor do texto em pauta não concorda inteiramente com essa afirmação. Há os casos gregos na *Septuaginta*, todos, e, consequentemente, todo o sistema de declinação determinadores das funções das palavras na frase. Há construções sintáticas gregas complexas, como o genitivo absoluto. Desse modo, há sintaxe grega. No entanto, sendo a tentativa de uma tradução literal do texto hebraico do Antigo Testamento, a *Septuaginta* possui também características da sintaxe hebraica. Pode-se dizer que a *Septuaginta* é um produto híbrido, que possui, ao mesmo tempo, sintaxe grega e hebraica, e, por causa exatamente da influência desta última língua, apresenta uma ordenação frasal e algumas características linguísticas muito diferentes das que se mostram no grego clássico e mesmo na *koiné*. O objetivo desse estudo é exatamente apontar tais diferenças para se chegar a determinadas conclusões.

Coloca-se, já nesse momento, a tese de que ocorre, no grego estilizado da *Septuaginta*, fenômenos linguísticos que vão ao encontro de características que definem línguas predominantemente analíticas e isso o torna menos sintético do que a língua presente no período áureo da literatura grega clássica. Aventa-se aqui a hipótese de que essa tendência se dá por causa da influência da língua hebraica original, por conta do compromisso de se tentar fazer uma tradução literal dessa língua para o grego. Não é o objetivo desse trabalho mostrar o quanto a língua hebraica seria analítica, algo da competência de um especialista em hebraico e não do helenista que escreve essas linhas<sup>4</sup>, mas deixar evidente o quanto o grego da *Septuaginta* possui determinadas características analíticas devido, possivelmente, à presença de hebraísmos nessa tradução literal. Essas características podem ter se formado por causa da ação de se pensar tais línguas em conjunto no ato da tradução ou por causa das características analíticas presentes na própria língua hebraica ou por ambos os motivos citados ou

---

<sup>4</sup> A continuidade dessa pesquisa poderia ser feita em parceria com um teólogo especialista em hebraico, uma vez que a troca de saberes linguísticos e de conteúdos traria ao estudo em questão possibilidades mais aprofundadas de cotejamento entre os dois textos, o original hebraico e a tradução grega.

ainda por outros, tais como o próprio desenvolvimento da *koiné*, no mundo conhecido, ficando, assim, a questão em aberto para se lançar uma problemática instigadora de possíveis pesquisas futuras. Algo já pode ser mencionado nesse momento. É um dado acerca do Fenício, língua também semítica, como o Hebraico. Como se sabe, o alfabeto grego é proveniente do alfabeto fenício<sup>5</sup>, um conjunto de grafemas que não apresenta ainda as vogais, que seriam registradas em toda a sua complexidade pelos gregos. Pode-se dizer que o fenício é uma língua muito mais analítica do que o grego ou o latim, e isso porque o seu alfabeto não tem necessidade da grafia das vogais – o Hebraico Clássico também era assim. Nessa língua, é possível saber o som vocálico a ser utilizado pela posição da palavra na frase, e essa dependência do significado pela ordem dos termos na frase é, como já foi mencionado, uma característica das línguas analíticas. O alfabeto fenício possui apenas grafemas para as consoantes porque o sistema da língua não traz a necessidade da grafia das vogais<sup>6</sup>.

Para se falar de características analíticas na *Septuaginta*, é necessário apresentar a percepção dessa própria tendência no texto, como não poderia deixar de ser, pois é apenas com base nas estruturas frasais que a comprovação da tese pode se dar, em meio a uma língua greco-hebraica. Para dar conta do que essa pesquisa exige, foi feita boa parte da tradução do *Gênesis*, de maneira bem literal para fins de estudo e não de publicação estética. Aliás, é importante dizer que o *Pentateuco* é considerado pelos estudiosos como o melhor grego da *Septuaginta*, pelo motivo muito bem explicado por Harl, Dorival e Munnich:

Os tradutores alexandrinos, que não tinham provavelmente nenhum modelo de tradução no qual se basear, podiam hesitar, como todo tradutor, entre duas técnicas de trabalho: traduzir literalmente (*ad verbum*), palavra por palavra, como se deve fazer, por exemplo, para verter rigorosamente um texto legal para outra língua; ou então verter o sentido (*ad sensum*), tomando alguma liberdade com a sintaxe e o léxico da língua original, que é o modo de tradução dos textos literários. Os tradutores do *Pentateuco* escolheram um compro-

<sup>5</sup> A apropriação do alfabeto fenício pelos gregos se deu provavelmente na Ilha de Rodes, por intermédio de comerciantes fenícios vindos da Palestina. A Ilha de Rodes é o local da Grécia Oriental mais próximo da Palestina, e daí o fato de ser um lugar propício ao comércio e às trocas culturais que tais interações entre povos geravam.

<sup>6</sup> Os gregos criaram novos grafemas para as vogais ou adaptaram outros do alfabeto fenício, provenientes de sons que não havia na língua helênica.

misso entre esses dois modos de tradução: ao mesmo tempo em que permaneceram próximos ao texto hebraico, evitaram um palavra-por-palavra que teria resultado num texto grego estranho e pouco natural (2007, p. 209).

O texto do *Pentateuco* possui, desse modo, um grego de qualidade, que demonstra um bom conhecimento, por parte dos tradutores, tanto da língua grega quanto do Hebraico. No entanto, é preciso reafirmar que, mesmo o melhor grego da *Septuaginta*, é bem diferente do grego clássico e mesmo da *koiné*. Isso mostra o quanto é complicado considerar *koiné* o grego da *Septuaginta*, já que esse próprio conceito é muito problemático. Há, na verdade, duas *koinaí*, a erudita e a popular. A erudita se aproxima do grego ático – o grego do grande historiador Políbio é um bom exemplo do que é uma *koiné* erudita, e existem até gramáticas que consideram o grego de Aristóteles como sendo *koiné*. Já a *koiné* popular se aproxima da fala coloquial e o grego do *Novo Testamento* foi escrito nessa *koiné*, que era o grego falado em toda a região em torno do Mar Mediterrâneo no primeiro século da era cristã, produto da mistura de povos que predominou no período Helenístico dos séculos anteriores, em que houve pela primeira vez na história da humanidade o choque cultural entre quatro civilizações: a grega, a romana, a céltica e a judaica.

Uma primeira característica bem perceptível do grego da *Septuaginta* são as orações paratáticas (coordenadas) que caracterizam o seu texto, por influência do *waw* aditivo hebraico, que é traduzido pela conjunção aditiva grega *kaí*, e, pelos tradutores alexandrinos. A manutenção dessa característica advinda do hebraico vai ocasionar o fato de a antítese, tão comum no grego clássico por meio do uso das partículas *mén...dé, por um lado... por outro lado*, ser rara na *Septuaginta*, assim como também os participios, que, no Grego Clássico, dotavam o texto de diversas orações subordinadas reduzidas. Há, portanto, a predominância da coordenação, como se pode notar logo no início do Gênesis (cap.1, vers.1-5):

1 Ἐν ἀρχῇ ἐποίησεν ὁ θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν. 2 Ἡ δὲ γῆ ἦν ἀόρατος καὶ ἀκατασκεύαστος, καὶ σκότος ἐπάνω τῆς ἀβύσσου, καὶ πνεῦμα θεοῦ ἐπεφέρετο ἐπάνω τοῦ ὕδατος. 3 καὶ εἶπεν ὁ θεός Γενηθήτω φῶς, καὶ ἐγένετο φῶς. 4 καὶ εἶδεν ὁ θεὸς τὸ φῶς ὅτι καλόν. καὶ διεχώρισεν ὁ θεὸς ἀνά μέσον τοῦ φωτὸς καὶ ἀνά μέσον τοῦ σκοτοῦς. 5 καὶ ἐκάλεσεν ὁ θεὸς τὸ φῶς ἡμέραν καὶ τὸ σκοτὸς ἐκάλεσε νύκτα. καὶ ἐγένετο ἑσπέρα καὶ ἐγένετο πρωί, ἡμέρα μία.

No princípio, Deus fez o céu e a terra. E (partícula dé sem a partícula mén) a terra era não visível e despreparada<sup>7</sup>, e (kaí) a treva estava acima do abismo, e (kaí) o espírito de Deus portava-se sobre a água. E (kaí) deus disse “Seja feita a luz.” E (kaí) a luz nasceu. E (kaí) Deus viu que a luz era bela. E (kaí) Deus dividiu a metade de luz e a metade de trevas. E (kaí) Deus chamou a luz dia e chamou a treva noite. E (kaí) nasceu a tarde e nasceu a manhã, primeiro dia.

É bem provável que, ao invés de duas frases coordenadas, tal como em *E Deus dividiu a metade de luz e a metade de trevas* e em *E Deus chamou a luz dia e chamou a treva noite*, um autor ateniense do período clássico usaria um particípio aoristo para subordinar a primeira oração às outras duas coordenadas, formadas pelo verbo *kaleîn*, *chamar*, repetido duas vezes e, assim fazendo, ele faria uma construção muito recorrente na língua grega, que é apresentar, por meio do particípio aoristo, uma ação anterior a que é expressa na oração principal. Com essa alteração, uma tradução hipotética seria *Após dividir a metade de luz e a metade de trevas, Deus chamou a luz dia e chamou a treva noite*.

Este predomínio da coordenação estabelece construções frasais quase mecânicas que geram a necessidade de uma ordenação rigorosa das palavras, e, como foi mencionado no início desse texto, a importância da ordem das palavras para a expressão do sentido frasal é exatamente uma característica própria das línguas predominantemente analíticas.

Uma construção tipicamente analítica na *Septuaginta* pode ser vista na construção do grau comparativo de superioridade. No Grego Clássico, normalmente, usa-se o sufixo *-tero* no adjetivo, com o complemento do comparativo vindo no genitivo – construção tipicamente sintética. O grego da *Septuaginta* nunca utiliza tal construção, pois sempre usa a conjunção *é, do que*, para formar construções tipicamente analíticas, mesmo que o advérbio *mállon, mais*, seja omitido. Um bom exemplo se encontra também no Gênesis, no momento em que Jacó se dirige a um de seus filhos, Judá, dando-lhe a bênção e proferindo profecias (cap. 49, vers. 12):

<sup>7</sup> O adjetivo aqui é *akataskéúastos*, que, sendo formado pelo radical do verbo *skeuázein*, *preparar, equipar*, associado ao prefixo preposicional *katá*, que indica movimento de cima para baixo – e daí a ideia de completude – e ao alfa privativo, possui o significado etimológico de *que tem ausência de preparação de cima abaixo*. Quando essa pesquisa foi apresentada pela primeira vez numa palestra, em um evento de Letras Orientais da UFRJ, um aluno de Hebraico, após a apresentação, elogiou a tradução por *despreparada* utilizada, dizendo que era muito mais condizente com a construção *vavohu* do Hebraico. De fato, normalmente, faz-se a tradução de tal passagem por *vazia*, o que seria, pelo menos no caso do Grego, a tradução apenas do alfa privativo. Na verdade, a terra estaria despreparada, com elementos em confusão, o que é também perfeitamente condizente com a presença também do adjetivo *aóratos, não visto, invisível*, que é a tradução do hebraico *tohu*. O fato de não ser possível ver não é porque não existe nada, mas porque não existe ordenação.

12 χαροποιοὶ οἱ ὀφθαλμοὶ αὐτοῦ ἀπὸ οἴνου, καὶ λευκοὶ οἱ ὀδόντες αὐτοῦ ἢ γάλα.

(...) os olhos dele serão intensamente azuis de vinho, e os dentes dele mais brancos do que o leite.

Deve-se frisar que a omissão de *mállon* em nada impede a percepção de uma construção analítica da frase. De fato, a presença de tal advérbio seria de suma importância para a construção analítica, uma vez que é a palavra separada do adjetivo que substitui o sufixo *-tero*, mas a estrutura frasal se dá como se ele se encontrasse no texto, o que talvez realmente ocorra porque omissão não significa inexistência. De qualquer modo, a conjunção *é*, substituindo a desinência sintética do genitivo complemento do comparativo, evidencia claramente o traço analítico.

A presença de tempos analíticos na Septuaginta, ou seja, tempos formados por um verbo auxiliar ao invés de uma flexão, é mais um exemplo óbvio de como esse caráter é uma constante na obra. No grego, a construção se faz com um verbo auxiliar ligado a um particípio. Os autores clássicos podem utilizar tempos analíticos, em orações do tipo *ele está vindo*, no lugar de *ele vem*, mas apenas o uso do tempo presente, com seu aspecto durativo, dá conta dessa ideia, não sendo, por isso, tal construção uma constante na língua do período clássico. No entanto, na Septuaginta, isso ocorre com muita frequência, o que fica perceptível na passagem do primeiro homicídio do Gênesis, em que Caim mata Abel para, em seguida, receber o castigo de Deus (cap. 4, vers. 8-12):

8 καὶ εἶπεν Καὶν πρὸς Ἀβελ τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ Διέλθωμεν εἰς τὸ πεδίον. καὶ ἐγένετο ἐν τῷ εἶναι αὐτοὺς ἐν τῷ πεδίῳ καὶ ἀνέστη Καὶν ἐπὶ Ἀβελ τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ καὶ ἀπέκτεινεν αὐτόν. 9 καὶ εἶπεν ὁ θεὸς πρὸς Καὶν Ποῦ ἔστιν Ἀβελ ὁ ἀδελφός σου; ὁ δὲ εἶπεν Οὐ γινώσκω· μὴ φύλαξ τοῦ ἀδελφοῦ μου εἰμὶ ἐγώ; 10 καὶ εἶπεν ὁ θεὸς Τί ἐποίησας; φωνὴ αἵματος τοῦ ἀδελφοῦ σου βοᾷ πρὸς με ἐκ τῆς γῆς. 11 καὶ νῦν ἐπικατάρατος σὺ ἀπὸ τῆς γῆς, ἣ ἔχανεν τὸ στόμα αὐτῆς δέξασθαι τὸ αἷμα τοῦ ἀδελφοῦ σου ἐκ τῆς χειρός σου· 12 ὅτι ἐργᾷ τὴν γῆν, καὶ οὐ προσθήσει τὴν ἰσχὺν αὐτῆς δοῦναί σοι· στένων καὶ τρέμων ἔσῃ ἐπὶ τῆς γῆς.

E disse Caim para Abel, seu irmão: “Partamos para a planície”. E aconteceu em eles estarem na planície, e Caim levantou-se contra Abel, o seu irmão, e o matou. E disse Deus para Caim: “Onde está Abel, o teu irmão.” E ele disse: “Não sei; acaso, sou eu o guarda do meu irmão?” E Deus disse: “O que fizeste? A voz do sangue do teu irmão grita da terra a mim. E agora tu és maldito sobre a terra, que abriu sua (a terra) boca para receber o sangue do teu irmão, proveniente de tua mão. Que lavre a terra, e ele não colocará a sua força para dá-la a ti; estarás lamentando e tremendo sobre a terra.”



Na formação analítica construída ao final da passagem pelo futuro do verbo eimí, *ser, estar*, associado a participípios presentes dos verbos *sténein, lamentar, e trémein, tremar*, não há, na verdade, de acordo com o aspecto verbal da língua grega no período clássico, a necessidade do uso do participípio, uma vez que o uso simples do futuro, que equivale ao nosso futuro do presente, já possui a ideia de ação em andamento no futuro, assim como o presente simples também já possui por si só a ideia de ação em andamento no presente. Um paralelo poderia ser feito na preferência, no Português, do uso de construções analíticas para expressar ações em andamento, que é uma língua, como foi visto, bem mais analítica que o Grego ou o Latim, como, por exemplo, nas frases *estou escrevendo um artigo* ou *estarei pagando minhas contas na semana que vem*. O frequente uso, desse modo, de construções desse tipo na *Septuaginta* mais uma vez reforça a tese de que a língua grega presente nessa obra se inclina para construções próprias de línguas analíticas.

Outro fenômeno da *Septuaginta* que justifica a tese da presença de características analíticas é a ausência de declinação em certos termos, em algumas construções. A não utilização da declinação não forma uma construção analítica. No entanto, a declinação, que faz com que, por exemplo, um mesmo substantivo adquira várias formas lexicais por meio de desinências específicas, é talvez a característica principal das línguas sintéticas, e sua não utilização acarreta, no mínimo, uma tendência analítica.

Os nomes próprios da *Septuaginta*, provenientes do Hebraico, não se declinam (isso ocorre também no Novo Testamento), mas uma ocorrência primordial para a percepção do caráter analítico tão debatido aqui é a não declinação do participípio presente *légon*, que significa *dizendo* – o verbo *légein* é de vasto campo semântico, mas, normalmente, significa *dizer, discursar*.

Na *Septuaginta*, o participípio *légon* é usado para traduzir o gerúndio hebraico, que não se declina. Como o Grego não possui gerúndio, o seu participípio realmente pode ser traduzido por orações subordinadas de gerúndio. Por outro lado, o participípio grego concorda com o termo a que se refere em gênero, número e caso, mas como a *Septuaginta* é uma tradução literal do texto hebraico, língua em que o gerúndio é invariável, o participípio *légon*, muito utilizado na *Septuaginta* para expressão do discurso direto, ficou igualmente invariável, com uma forma semelhante à do nominativo masculino singular, independentemente do gênero, número e caso do termo a que se refere. Tal fato, se comparado ao grego do período clássico, seria um erro. No entanto, seria um preconceito linguístico considerar um erro esse procedimento na *Septuaginta*, tendo em vista a obra que traduz e a comunidade a que se destina. Seria mais correto aceitar a tese da presença de características analíticas geradas pela

influência do hebraico no Grego da *Septuaginta*, que, entre outras questões, fez com que o particípio *légon* adquirisse o estatuto de forma invariável. Mais um exemplo do Gênesis ilustra perfeitamente o uso do particípio *légon* em forma indeclinável (cap. 15, vers. 1), colocando-se entre parentes na tradução os termos analisados sintaticamente a que o particípio poderia concordar:

15 Μετὰ δὲ τὰ ρήματα ταῦτα ἐγενήθη ρῆμα κυρίου πρὸς Ἀβραμ ἐν ὁράματι λέγων Μὴ φοβοῦ Ἀβραμ· ἐγὼ ὑπερασπίζω σου·

Depois destas palavras, surgiu a palavra (nom. n. s.) do senhor (gen. m. sing) para Abrão, numa visão (d. n. s.), dizendo (nom. masc. s.): “Não temas, Abrão; eu te protejo com escudo; (...)

A possibilidade mais plausível de concordância seria o particípio estar no genitivo masculino singular (*légontos*), concordando com *kyriou*, do *senhor*, mas outra possibilidade seria colocar o particípio no nominativo neutro singular (*légonton*), concordando com *rhêma*, *palavra*, ou ainda no dativo neutro singular (*légonti*), concordando com *em horámati*, *numa visão*. Nenhuma dessas três possibilidades de concordância foi feita, ficando *légon* em sua forma invariável. Apesar de possuir a forma de nominativo masculino singular, parece que se aproveitou apenas a forma para a utilização de um termo verbal invariável que indica o ato de ação de falar em processo.

Uma mescla das duas sintaxes, a grega e a hebraica, ocorre ainda na sintaxe do relativo na *Septuaginta*. O relativo é indeclinável no Hebraico e, por isso, precisa de um pronome pessoal obliquo na oração relativa para definir o antecedente. Já, no Grego, o pronome relativo se declina, não sendo, portanto, necessário um pronome pessoal obliquo para determinar o antecedente. O que ocorre na *Septuaginta*? As duas construções ao mesmo tempo, o que causa o fenômeno que se poderia chamar redundância, sem se pensar aqui no sentido pejorativo do termo. É como se, no Português, os falantes utilizassem uma construção do tipo *O livro o qual eles o compraram*. No Gênesis, há um exemplo bem relevante, durante a feitura do terceiro dia (cap. 1, vers. 11):

11 καὶ εἶπεν ὁ θεὸς Βλαστησάτω ἡ γῆ βοτάνην χόρτου σπείρον σπέρμα κατὰ γένος καὶ καθ’ ὁμοίότητα καὶ ξύλον κάρπιμον ποιοῦν καρπὸν, οὗ τὸ σπέρμα αὐτοῦ ἐν αὐτῷ κατὰ γένος ἐπὶ τῆς γῆς.

E disse Deus: “A terra produza erva de pastagem, que espalhe semente conforme a espécie, semelhança e árvore produtora doadora de fruto, do qual a semente seja proveniente dele, estando nele, conforme a espécie sobre a terra.”

Na oração relativa que termina a citação, é possível notar que o pronome relativo no genitivo *οὐ, do qual*, cujo antecedente é *karpós, fruto*, também é evocado no pronome demonstrativo *autós, esse, ele*, no genitivo, com nítido valor de pronome pessoal. A redundância foi deixada, inclusive, na tradução para que fique mais perceptível. Dizer somente do qual a semente seja proveniente seria mais do que suficiente, mas a palavra *spérma, semente*, acabou por ser determinada por dois genitivos, o do pronome relativo e o do pronome demonstrativo (pessoal).

Por fim, deve-se mencionar que é possível observar em todo o texto da *Septuaginta* a pouca utilização do caso dativo. Ora, o desaparecimento progressivo de um caso leva a língua a construções analíticas, e essa perda ocasionou um uso mais frequente de construções com preposições, que igualmente são muito necessárias em línguas predominantemente analíticas.

Em sua forma bem peculiar, o grego da *Septuaginta* não pode ser entendido como a *koiné* falada na época e nem como uma *koiné* erudita que resgate um grego mais antigo, criando um texto de estética apurada, mas, empenhando um pouco dessas duas forças, poderia se definir a *Septuaginta*, reitera-se, como um texto que apresenta um grego adaptado às necessidades de certo grupo, sendo estilizado, por causa de suas formas um tanto mecânicas que não se coadunam propriamente com uma língua falada e sendo também proveniente das mudanças estruturais pela qual passou a língua grega na época. Tais forças, ao que parece, contribuíram para que as construções frasais empregadas adquirissem uma tendência para construções entendidas como analíticas. Soma-se a isso, obviamente, a influência da língua hebraica por meio da tentativa de se fazer uma tradução literal do texto original do *Antigo Testamento*.

## Referências

*Antigo testamento poliglota: hebraico, grego, português, inglês*. Texto grego da *Septuaginta* editado por Alfred Rahlfs. São Paulo: Vida Nova: Sociedade Bíblica do Brasil, 2003.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1963.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1986.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2006.

CHOWN, Gordon. *Gramática hebraica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

- CONYBEARE, F. C. & STOCK, George. *Gramática do grego da Septuaginta*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- FREIRE S. J., Antônio. *Gramática grega*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- GABEL, Jonh B. & WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literature*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- GILEAD, Enih. *Interlinear hebraico-português: Gênesis completo + textos bíblicos seletos*. Vianópolis: E-book, 2011.
- HARL, Marguerite; DORIVAL, Gilles & MUNNICH, Olivier. *A Bíblia grega dos Setenta: do judaísmo helenístico ao cristianismo antigo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- HAVELOCK, Eric A. *A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HORTA, Guida N. B. Parreiras. *Os gregos e seu idioma*. Rio de Janeiro: Editora J. Di Giorgio e CIA. LTDA, 1978, 1983. 2 v.
- LASOR, Williams S.; HUBBARD, David A. & BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin & NEVES, Maria Helena de Moura. *Dicionário Grego-Português*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005 - 2010. 5 v.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os limites da helenização: a interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.
- SEARLE, John R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- THOMAS, Rosalind. *Letramento e oralidade na Grécia antiga*. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

Artigo recebido em 24 de abril de 2017  
e aprovado para publicação em 19 de maio de 2017

### Como citar:

NOGUEIRA, R. S. Um olhar sobre o Grego da *Septuaginta*. *Coletânea*, v. 16, n. 32, p. 245-256, jul./dez. 2017. ISSN 1677-7883. Disponível em: <[www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br)>.